

“HE HAS TO GO AWAY BEFORE HE CAN FIND HIS WAY HOME”: os processos migratórios e as identidades híbridas em *Crescent*, de Diana Abu-Jaber

Jéssica Resende RIBEIRO ¹

Luiz Manoel da Silva OLIVEIRA ²

RESUMO

Este trabalho intenta analisar a influência dos diferentes tipos de migração nas percepções e (re)construções identitárias das personagens principais do romance *Crescent* (2003), da escritora árabe-estadunidense Diana Abu-Jaber. Apresentar-se-á um resumo da trajetória dos imigrantes árabes nos Estados Unidos em suas três fases principais, assim como os efeitos que esses movimentos diaspóricos geraram nas comunidades árabe-estadunidenses e nas suas literaturas. Em seguida, analisar-se-ão os principais personagens-migrantes, as condições em que as suas migrações ocorrem e o impacto que elas causam no processo de identificação e pertencimento de cada um.

Palavras-chave: Literatura árabe-estadunidense. Diana Abu-Jaber. Migrações e Identidades.

1 INTRODUÇÃO

A Identidade é um processo de constante criação que está diretamente relacionado às negociações culturais e ideológicas (HALL, 2003). Os diferentes processos migratórios e as circunstâncias nas quais eles se desenvolvem influenciam diretamente essas negociações. O processo de reconstrução identitária dos imigrantes é condicionado pela transculturação, já os descendentes híbridos apresentam o eminente estado de consciência dupla, isto é, uma divisão identitária resultante do (não) pertencimento às duas culturas que os originaram. Nos casos mais traumatizantes de deslocamento, como o do exílio, por exemplo, a reconstrução identitária é afetada pelo anseio do impossível retorno à pátria.

Marcada pelas questões de hibridismo cultural e identitário, a literatura árabe-

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas (2014), mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura – Literatura e Memória Cultural, Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). **E-mail:** jessicarribeiro@outlook.com

² Doutor em Literatura Comparada e Mestre em Literaturas de Língua Inglesa. Professor Adjunto de Literaturas de Expressão Inglesa, no Departamento de Letras, Artes e Cultura (DELAC) e no Programa de Mestrado em Letras (PROMEL), da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). **E-mail:** luizmanoel@ufs.edu.br

estadunidense teve início na década de 1980. Ela foi, ao longo da história das imigrações árabes para os Estados Unidos da América (EUA), influenciada pelos processos de politização étnico-cultural desses povos. Para a pesquisa da representação ficcional da condição identitária diaspórica na contemporaneidade, trabalharemos com a obra *Crescent* (2003) da escritora árabe-estadunidense Diana Abu-Jaber. Esse é o segundo romance da escritora, que até o momento já lhe rendeu os prêmios *PEN Center USA Award for Literary Fiction* (2004) e *American Book Award* (2004).

Crescent retrata o romance entre Sirine, uma árabe-estadunidense de 39 anos, que trabalha como chefe de cozinha em um restaurante árabe, e o exilado iraquiano Hanif Al Eyad (Han), professor do Departamento de Estudos do Oriente Próximo, em uma cidade chamada Teherangeles, em Los Angeles, nos EUA. Em sua obra, Abu-Jaber examina a complexidade identitária dos árabes/árabe-estadunidenses que residem nos EUA e a hibridização gerada pelo contato entre essas culturas, assim como também procura desfazer os estereótipos midiáticos em relação ao mundo árabe e seus habitantes.

A personagem Sirine, filha de uma californiana e um iraquiano, foi criada pelo tio, também iraquiano (seus pais morreram durante uma missão da Cruz Vermelha). Cozinhar é a sua grande paixão e também a sua única ligação com a cultura árabe. O seu tio também é professor do Departamento de Estudos do Oriente Próximo e um contador de histórias. O par romântico de Sirine, Han, é tradutor de poemas, além de professor e exilado político que há 21 anos não pode voltar para o seu país. Trata-se de três personagens marcados por suas identidades plurais, cada um de uma forma específica, resultantes dos processos de migração.

Considerando que todas as culturas são inerentemente híbridas (LEWELLEN, 2002), tentaremos analisar no romance *Crescent* como esses diferentes tipos de migração exercem influência na percepção identitária das personagens principais. Para tal, apresentamos um resumo da trajetória dos imigrantes árabes nos Estados Unidos; em seguida, objetivamos analisar três dos principais tipos de migração: o exilado (Hanif), o imigrante (tio Sirine), e o descendente híbrido (Sirine).

2 A LITERATURA ÁRABE-ESTADUNIDENSE

A literatura árabe-estadunidense é dividida em três fases principais. A primeira fase é datada entre o período de 1880/1885 a 1924/1945; a segunda, de 1945 a 1967; e a terceira, de 1967 até o presente momento.

A primeira onda de imigrantes árabes foi formada por um grupo genericamente denominado “sírio”. Tratava-se de povos, em sua maioria, cristãos, que residiam nos atuais Líbano, Síria, Jordânia e Palestina. Uma vez que esses grupos eram basicamente constituídos de trabalhadores não qualificados e muitas vezes analfabetos, eles atuaram como vendedores itinerantes, o que auxiliou na sua assimilação em solo estadunidense, além de lhes ampliar as oportunidades de aprendizagem da língua inglesa (LUDESCHER, 2006).

Esses imigrantes árabes aspiravam integrar-se à terra que os acolheu, sem, contudo, perder os vínculos culturais e sociais com as suas terras de origem. A migração revestiu-se, então, de um caráter “temporário” na concepção desses imigrantes, embalada por uma expectativa de duração relativa à quantidade de tempo necessária para o acúmulo de capital e para o restabelecimento da estabilidade política das suas nações de origem.

Entretanto, essa idealização da volta para a terra de origem foi enfraquecida com o advento da Primeira Guerra Mundial. As rupturas nas comunicações com as suas pátrias e a impossibilidade do retorno fizeram com que os imigrantes reavaliassem questões cruciais referentes às suas novas identidades híbridas, assim como às suas conexões com os Estados Unidos, sob um prisma mais amplo. Dessa forma, o processo de incorporação foi acelerado, o que resultou no acirramento de conflitos raciais, posicionando os árabes entre os grupos étnicos considerados inferiores, com relação aos norte-americanos (LUDESCHER, 2006).

Os escritores árabe-estadunidenses dessa primeira fase consideravam-se pontes entre o Oriente e o Ocidente, cidadãos globais que tinham atravessado tanto as fronteiras nacionais quanto as culturais (MALEH, 2009). Em função disso, os primeiros textos desses autores retratavam uma forte necessidade de provar o seu valor nesse novo contexto social (MAJAJ, 2008), assim como os seus esforços no processo de adaptação e inserção social e a tentativa de preservação da identidade árabe nas gerações nascidas

nos EUA.

Já na segunda fase da imigração árabe, na década posterior à Segunda Guerra Mundial, os novos imigrantes eram predominantemente islâmicos. Em comparação aos precedentes, esse novo grupo era formado por profissionais qualificados e alfabetizados, sendo que grande parte dos homens possuía diplomas universitários. Tratava-se de pessoas mais familiarizadas com as ideologias nacionalistas dos seus países de origem, que chegavam à América em melhores condições financeiras do que aquelas que tinham os primeiros desses imigrantes. Outro ponto de distinção desse povo foi a convicta afirmação da sua identidade árabe (LUDESCHER, 2006).

As narrativas ficcionais produzidas por escritores desse novo grupo retratavam a transformação dos árabes em árabe-estadunidenses, tanto em relação aos esforços de adaptação dos imigrantes, quanto em referência às tentativas de negociação identitária dos seus descendentes (MAJAJ, 2008). A partir da década de 1960, o estabelecimento dos Direitos Civis e o Movimento do Poder Negro abriram novos espaços para os imigrantes e para as vozes literárias étnicas. A literatura de autores árabe-estadunidenses era distintamente marcada por seu envolvimento com questões políticas do Oriente Próximo (MAJAJ, 2008). Houve também a diminuição do engajamento com os projetos de assimilação cultural na América, devido à elevação do reconhecimento da identidade árabe (FADDA-CONREY, 2006).

A terceira fase da imigração árabe para os EUA foi marcada por grupos de imigrantes árabes altamente politizados, de fortes sentimentos nacionalistas árabes e também por significantes mentalidades anticoloniais. Pela primeira vez, organizações árabe-estadunidenses foram formadas, a fim de defender os seus interesses e combater os estereótipos que retratavam/retratam os árabes de forma negativa (LUDESCHER, 2006). O desenvolvimento do senso de comunidade/identidade árabe-estadunidense fez com que os escritores se engajassem em projetos de autodefinição/autocriação, produzindo textos que correspondem à suas realidades e abrem espaço para que as suas vozes sejam ouvidas (MAJAJ, 2008).

Através da trajetória dos principais ciclos migratórios de povos árabes para os EUA, vemos a influência direta que esses processos exerceram sobre a literatura árabe-estadunidense. Escritores dessa vertente literária passaram de uma postura defensiva a uma postura de autoafirmação, com narrativas que englobam desde as tentativas de

aceitação, inclusão, assimilação e reconhecimento até o desenvolvimento de vozes independentes, que buscam resgatar em suas ricas narrativas o direito de serem os seus próprios porta-vozes.

Dessa forma, os escritores contemporâneos trabalham suas experiências étnicas, questionando as homogeneidades raciais, saudando as suas pluralidades culturais e humanizando os seus personagens árabes, em um combate aos moldes estereotipados estabelecidos pelas mídias. Nesse contexto, as identidades híbridas correspondem ao que Salman Rushdie (2010) chama de identidades plurais e parciais conjuntamente. Essa dualidade, assim como os conflitos por ela gerados, reflete as barreiras que são diariamente transpostas por povos multiculturais, em processos de produção identitária e pertencimento coletivo.

Em seu romance *Crescent* (2003), a escritora árabe-estadunidense Diana Abu-Jaber abandona o binarismo absoluto da divisão “nós” e “eles” e emprega a articulação de diferentes grupos étnicos ressaltando a projeção humanista que permeia as (re)construções identitárias e os entrelaçamentos culturais. Abu-Jaber cria, nesse romance, fronteiras étnicas físicas e psicológicas nas quais diferentes comunidades raciais coexistem e se comunicam (FADDA-CONREY, 2006). Trata-se de árabes provenientes de países diferentes com culturas diversificadas, que escapam às generalizações homogeneizantes das ruas de Los Angeles para expressarem as suas verdadeiras identidades.

3 MIGRAÇÕES

De acordo com Susan S. Friedman (2007), a identidade do migrante, assim como a dos seus descendentes, é fragmentada, composta pelos deslocamentos e realocamentos culturais daqueles que vivem às margens dos **entremundos**. O termo “migrante” abrange uma vasta gama de distintos migrantes, tais quais: exilados, imigrantes, emigrantes, refugiados, cosmopolitas, diásporos, peregrinos, nômades, colonos, asilados, entre outros. Trata-se de povos que possuem em comum o deslocamento para um local que lhes é estranho, mas que se distinguem com relação às condições de egresso e possíveis (ou não) retornos à pátria natal (SUVIN, 2005).

Uma vez que as fronteiras são linhas divisórias imaginárias de efeitos reais

(FRIEDMAN, 2007), o cruzamento delas faz com que as identidades dos migrantes desassociem-se da condição de **ser** para vincularem-se ao **se tornar** (MARDOROSSIAN, 2002), configurando um movimento que vai além do cruzamento das fronteiras políticas, transpondo tanto as barreiras do pensamento como as da experiência (SAID, 2000). Nesse processo de **se tornar**, as mudanças ocorrem no interior dos migrantes, fazendo com que cada indivíduo carregue consigo o seu lar, uma vez que já não encontram acomodação plena nos espaços geográficos externos a eles.

3.1 Exilados

Juan M. del Aguila (1998) diz que os migrantes **exilados** são pessoas que, geralmente, deixam as suas pátrias por razões políticas, já os migrantes **imigrantes** deslocam-se dos seus países de origem à procura de novas oportunidades, de futuros promissores. Percebemos essa distinção ao considerarmos as razões que impulsionaram Hanif e o tio da personagem Sirine, ambos de origem iraquiana, a saírem de suas nações: o primeiro é um exilado político iraquiano, procurado pelo governo de Saddam Hussein (1937-2006) pelo não cumprimento do serviço militar, que há vinte e um anos fugiu do Iraque. O segundo é um imigrante, também iraquiano, que partiu ainda jovem em busca de novas aventuras na América do Norte.

Desse modo, um imigrante pode não estar satisfeito com a política do seu país, mas essa não será a razão primordial para o seu deslocamento. Já o exilado é movido pelo descontentamento com as dimensões políticas de sua terra, sejam elas de caráter subjetivo (pessoal) ou objetivo (contextual), não havendo a possibilidade da escolha de não se retirar. O exílio corresponde à migração indesejada e a impossibilidade do retorno, uma vez que a detenção e/ou execução, por exemplo, o esperam em sua nação; já o imigrante sempre tem a possibilidade de voltar (MARDOROSSIAN, 2002).

Tornar-se um exilado corresponde à ruptura entre um ser humano e uma terra natal. Trata-se do profundo estado de alienação causado pela consciência da separação juntamente ao intenso anseio do retorno. Hanif demonstra essa sensação de desalento ao tentar expressar a sua condição de exilado: “É como se houvesse uma parte de mim que não conseguisse compreender a ideia de nunca retornar. É tão árduo imaginar isso. Então, eu só digo a mim mesmo: ainda não é a hora.” (ABU-JABER, 2003, p. 62,

tradução nossa). A temporização da volta preenche o vazio deixado pelo distanciamento e alenta a angustiante espera do exilado.

Dessa forma, “[o] páthos do exílio está na perda de contato com a solidez e satisfação da terra: a volta ao lar está fora de questão” (SAID, 2000, p. 142, tradução nossa) até que as medidas político-governamentais que impulsionaram o exílio permaneçam em vigor. Porém, se essa impossibilidade não dissipa o anseio do exilado pelo regresso, mas sim parece intensificá-lo, o desenvolvimento de vínculos sólidos com a nova nação é algo inverossímil. Esse tipo de “resistência” pode ser visto na atitude de Han ao optar por residir em um apartamento semimobiliado: “Eu não tenho tido muito incentivo para comprar móveis. Eu acho que de alguma forma eu tinha a sensação de que seria como [estabelecer] um compromisso - com um lugar, eu quero dizer” (ABU-JABER, 2003, p. 70, tradução nossa).

O exilado é constantemente acompanhado pelo sentimento de melancolia. Após atravessar as fronteiras territoriais, ele tem que enfrentar as fronteiras culturais. Segundo Said (2000), entre a demarcação do **nós** e dos **outros** está o **não pertencer**, e é para lá que os exilados são impelidos, vivendo em um estado de constante privação. Como resultado, a ausência torna-se uma característica inerente a esse migrante: “Já ouvi dizer de pessoas que se definem de acordo com os seus trabalhos, ou religiões, ou famílias. Mas eu acho que eu me defino por uma ausência” (ABU-JABER, 2003, p. 161, tradução nossa).

A vida em exílio é algo descentrado, em que não há um repouso, trata-se de uma força desestabilizadora que não permite que o exilado se livre do sentimento permanente de frustração. Essa inconsistência e o sentimento de perda são tão acentuados que Han a compara a um fenômeno físico

O fato do exílio é maior que todas as outras coisas na minha vida. Deixar o meu país foi como se, eu não sei, como se parte do meu corpo tivesse sido arrancada. Eu tenho dores fantasmas da perda dessa parte. Eu sou assombrado por mim mesmo (ABU-JABER, 2003, p. 162, tradução nossa).

O deslocamento dos exilados causa consternações infindáveis. O impacto da ruptura do migrante com a sua nação/comunidade/cultura faz com que a sua identidade seja reformulada a partir de fragmentos. Assim sendo, as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (SAID,

2000). O migrante exilado desenvolve uma identidade híbrida fragmentada, marcada pelo desenraizamento e pela necessidade de adaptação constante no processo de reconstrução social:

Exílio é como (...) uma sala cinza, escura, cheia de sons e sombras, mas dentro dela nada é real ou verdadeiro (...) Tudo o que você era, cada visão, audição, paladar, memória, tudo isso foi apagado. Você se esquece de tudo aquilo que você achava que sabia (...) Você tem que esquecer. (ABU-JABER, 2003, p. 162, tradução nossa).

O exílio remodela a memória; o ato de lembrar, assim como o de esquecer, é simbólico e representa o processo de construção de significados (FRIEDMAN, 2007), como vemos na fala de Han: “Eu não tenho certeza se isso realmente aconteceu ou se é apenas como eu me lembro das coisas. O modo pelo qual eu quero me lembrar das coisas” (ABU-JABER, 2003, p. 186, tradução nossa). Hanif, ao trabalhar como professor universitário, encontra em sua carreira uma forma de manter contato com elementos da sua cultura. O trabalho realizado com poesias, literatura provinda do seu continente, o gênero que representa a essência da vida no mundo árabe, assim como a rotina de consumir comida árabe no restaurante da libanesa Um-Nadia, no qual Sirine trabalha, e as músicas árabes que ele ouve em seu apartamento são elos que o mantêm próximo ao seu ideal comunitário.

Abu-Jaber humaniza tanto a figura do exilado quanto a do seu país de origem, uma vez que esse sentimento nostálgico de Han está ligado à versão hospitaleira de sua nação. Como mostra Robin E. Field (2006), o Iraque de *Crescent* ainda é marcado pela crueldade, conflitos e mortes, porém esses são elementos que estão limitados à periferia da história. A escritora transmite um pouco da riqueza e da intensidade da cultura iraquiana assim como o calor humano em que as práticas sociais estão envoltas, por isso, o beduíno guardião do poço que carrega um rifle de assalto nas costas é mais lembrado por ter ensinado dois jovens, Hanif e um amigo, a andarem de bicicleta.

Já a ocupação de Han, como tradutor, mostra a complexidade do processo de transladação cultural. Assim como acontece com os poemas, as negociações culturais são afetadas, em sua condição de exilado, pelas reminiscências da perda causada pelo desligamento no exílio. Não se trata apenas do deslocamento físico, mas também das negociações culturais, ideológicas e sentimentais:

Tentar traduzir Hemingway para a língua árabe é como tentar traduzir um pássaro para um rio. Você não só tem que traduzir as palavras, como também tem que tentar traduzir os sentimentos e ideias de todos os tipos de coisas, de uma cultura para a outra (ABU-JABER, 2003, p. 117, tradução nossa).

Hanif encontra em Sirine uma fusão dos dois mundos em que ele vive, podendo oferecer a ele tanto o conforto do lar perdido (cultura árabe), o conhecido em meio ao desconhecido, quanto o asilo/estabilidade que ele procura durante os seus constantes deslocamentos: “Você é o lugar onde eu quero estar. Você é o oposto do exílio” (ABU-JABER, 2003, p. 140, tradução nossa).

Porém, contrariamente às palavras proferidas a Sirine, Han rende-se ao anseio da volta ao Iraque: “Estou sendo dirigido pela possibilidade do retorno: o meu país não vai me deixar ir, ele me completou” (ABU-JABER, 2003, p. 312, tradução nossa). Todavia, ele percebe que lá já não é mais o seu lugar. O Iraque para o qual ele voltou não corresponde ao país de suas memórias; então, ele decide voltar de vez, para o seu “lar”, o qual não corresponde necessariamente ao espaço físico (geográfico), mas sim ao abrigo interno. Han regressa em busca da completude afetiva, já que não encontrou abrigo externo que o comportasse em sua nova identidade.

3.2 Imigrantes

Diferentemente de Han, o também migrante iraquiano, tio de Sirine, mora em Los Angeles na condição de imigrante. A sua partida do Iraque, juntamente ao irmão (pai de Sirine), foi baseada na busca por novas aventuras, novas experiências em Los Angeles, sem que houvesse intervenção governamental para essa decisão.

Assim como os familiares da chefe de cozinha, os estudantes estrangeiros que frequentam o restaurante da Um-Nadia também são representantes do grupo de imigrantes árabes, tendo em comum a possibilidade do retorno às suas respectivas pátrias. Todavia, o fato de esses imigrantes não estarem condicionados ao exílio não significa que eles não tenham dificuldades de adaptação ou que não sintam falta de seus lares.

A conotação **imigrante** corresponde à alteridade, ao não pertencimento, ao estado intermediário de ser (SALAITA, 2007). E, de acordo com Hall (2003), a recriação identitária é possível devido ao fato de o processo de formação cultural ser

constante. O que possibilita a produção de novos tipos de sujeitos é exatamente a forma com a qual as tradições são manuseadas. Assim sendo, a identidade do migrante passa por mudanças severas que resultam na ambivalência em relação à antiga e à nova existência (MARDOROSSIAN, 2002).

O tio de Sirine, por exemplo, está constantemente negociando sua identidade híbrida ao intercalar aspectos da cultura árabe e da cultura estadunidense. Além de professor, ele é um contador de histórias que adapta a sua narrativa com base em seus ouvintes. Em seu conto fantástico, o herói árabe Abdelrahman Salahadin possui incríveis habilidades de adaptação e sobrevivência que o auxiliam frente às peripécias que surgem durante as suas viagens pelo mundo (MICHAEL, 2011). Salahadin pode ser interpretado como uma personificação dos migrantes (ouvintes) que, assim como ele, precisam ser hábeis para enfrentar as lutas constantes no processo de recriações identitárias e negociações culturais.

Essa negociação cultural, como já apresentada, será experienciada de formas diferentes pelos distintos tipos de migrantes. Porém, o sentimento de perda é algo compartilhado por todos aqueles que vivenciaram o deslocamento. Falar sobre a terra natal, nas palavras do tio de Sirine,

Significa falar sobre a diferença entre aquela época e agora, e isso é muitas vezes uma coisa triste (...) o grande problema é que você não pode voltar atrás. Por exemplo, o Iraque de onde eu e o seu pai viemos já não existe mais. É um novo lugar assustador. Quando sua antiga casa não existe mais, isso torna as coisas mais tristes no geral (ABU-JABER, 2003, p. 127, tradução nossa).

De acordo com Ahmed (1999), é impossível voltar para o lugar onde se viveu, pois o lar não é exterior, mas sim interior/inerente ao ser. Dessa forma, a lacuna existente entre a memória e o local, resultante dos deslocamentos dos migrantes, permite a formação de novas comunidades. Esses novos agrupamentos serão formados por sujeitos que não possuem um terreno comum, mas compartilham a condição de marginalizados. O restaurante da Um-Nadia, por exemplo, é um meio de encontros culturais, sendo frequentado por iranianos, iraquianos, kuwaitianos, egípcios, turcos e americanos, entre outros. Essa “identificação” facilita o processo de adaptação desses imigrantes, auxiliando no alcance de um nível razoável de estabilidade e conforto cultural (AGUILA, 1998).

Os estudantes, professores, exilados e imigrantes que frequentam o estabelecimento da libanesa encontram ali o que estaria próximo a uma recriação de seus lares orientais: “Para muitos deles, o restaurante era um leve sabor de casa” (ABU-JABER, 2003, p. 20, tradução nossa), um lugar repleto do mundo árabe, em que eles podem assistir a programas árabes, ler jornais árabes, conversar em árabe e, principalmente, comer comidas árabes.

3.3 Descendentes Híbridos

Assim como a grande maioria dos árabe-estadunidenses, que não pertencem plenamente à etnia árabe e nem à americana, a chefe de cozinha árabe, Sirine, frequentemente tem a sensação de não estar completa: “Muitas vezes ela tem a sensação de que falta alguma coisa, sem saber o que é que está faltando” (ABU-JABER, 2003, p. 62, tradução nossa). Ela carrega consigo o deslocamento da primeira geração de árabe-estadunidenses que resulta do binarismo cultural. A personagem é descrita como uma mulher de cabelos cacheados e rebeldes, porém de olhos claros e pele extremamente pálida.

Isso é tudo o que qualquer um pode ver: quando as pessoas perguntam a sua nacionalidade elas reagem com espanto quando ela diz que é meio-árabe. Eu nunca teria adivinhado *isso*, elas dizem, rindo. Você com certeza não se parece com um [árabe]. Quando as pessoas dizem isso ela se sente como se a sua pele estivesse se descascando. Ela acha que ela, de alguma forma, deve ter herdado a aparência externa de sua mãe e a interna de seu pai (ABU-JABER, 2003, p. 205, tradução nossa).

Sirine, enquanto cidadã árabe-estadunidense, possui uma dualidade identitária alienada. Apesar de ter sido criada pelo tio iraquiano e crescer rodeada por conversas árabes, ela não conhece expressivamente a cultura do pai, exceto pela culinária. O que também não significa que ela se sinta plena vivendo em Los Angeles, mesmo tendo nascido e crescido ali sem nunca ter viajado para qualquer outro lugar: “Eu acho que eu estou sempre à procura da minha casa, de certa forma. Quero dizer, mesmo morando aqui, eu tenho essa sensação de que a minha verdadeira casa está em outro lugar” (ABU-JABER, 2003, p. 118, tradução nossa).

O talento culinário de Sirine representa uma ferramenta que possibilita à chefe de

cozinha tornar-se uma ponte entre a cultura árabe e a estadunidense. Os pratos árabes preparados pela chefe são as personificações da memória, não só para os clientes migrantes, mas para ela também, uma vez que utiliza o caderno de receitas dos seus pais. As comidas são fontes de memórias, uma vez que evocam os lugares em que os pratos são criados (SENA, 2011). Com as receitas de seus pais, Sirine desenvolve a sua identidade silenciada; ao cozinhar ela está constantemente exercitando a celebração da sua ascendência árabe, trata-se de um meio de completude (CARIELLO, 2009).

Outra forma de preenchimento é encontrada por ela nos braços do exilado Han. Sirine não compreende a condição do exílio, o impedimento do retorno e os perigos que ele acarreta, porém, ela compartilha a condição híbrida dele, a constante negociação identitária e o sentimento de estar faltando algo. A partir desse ponto em comum, Sirine, que acreditava que às vezes ninguém a via, passa a se sentir vista com a chegada do professor. São olhos que conseguem apreciá-la em sua dimensão árabe e em sua dimensão estadunidense, já que pertencem a um observador que também está sujeito às duas culturas.

Contudo, diferentemente do professor, a chefe de cozinha árabe se ajusta mais facilmente a essa dupla consciência, pois ela lida com a sua condição multicultural desde o nascimento: “Os cozinheiros chefes sabem que nada dura (...) uma vez na boca e pronto, se foi” (ABU-JABER, 2003, p. 50, tradução nossa). Esse contraste é simbolizado em um sonho da jovem, em que ela está nadando perto da superfície e não consegue enxergar Han, mas sabe que ele está nas profundezas escuras, logo abaixo dela, nadando em círculos intermináveis, como na sua constante busca pela pátria perdida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuma cultura/identidade é pura; todo contato entre culturas/identidades é marcado por influências mútuas. O que diferencia as negociações culturais é o impacto que o processo migratório tem sobre cada indivíduo. O exilado parece ter mais dificuldades em redefinir-se, uma vez que é atormentado pela constante frustração da perda e, por isso, não consegue articular bem as pluralidades que o compõem. O migrante sofre igualmente, mas em uma proporção mais tolerável, já que dispõe da possibilidade do retorno. Os descendentes híbridos, por sua vez, herdaram o sentimento da

ausência ininterrupta, sentem-se incompletos e habitam a intermedialidade cultural.

As identidades estão em constantes processos de (re)negociações culturais e ideológicas, sendo diretamente influenciadas pelo meio em que se inserem e pela forma pela qual elas se desenvolvem. É a partir do contato com uma nova cultura que o sujeito consegue redefinir a sua identidade, principalmente quando decide deixar a zona de conforto e ter contato com o novo, o diferente. Esse processo de autorreconstrução indica que o lar é inerente ao ser, de modo que se torna necessário saber carregá-lo dentro de si, como Um-Nadia aconselhou a Sirine, para que as interações que dão vida a esse lar e o movimentam possam ocorrer.

“HE HAS TO GO AWAY BEFORE HE CAN FIND HIS WAY HOME”: The migratory processes and the hybrid identities in Crescent, by Diana Abu-Jaber

ABSTRACT

This paper attempts to analyze the influence of different types of migration on perceptions and (re) identity constructions of the main characters in the novel Crescent (2003), by Arab-American writer Diana Abu-Jaber. The three major phases of Arab immigrants's trajectory in the United States will be briefly presented, as well as the effects those diasporical movements have generated on Arab-American communities and their literatures. Afterwards, the main migrant characters will be the focus of analysis, as well as the conditions under which their migrations occurred and the impact they have on each one's process of identification and belonging.

Keywords: Arab-American Literature. Diana Abu-Jaber. Migration and Identities.

REFERÊNCIAS

ABU-JABER, D. **Crescent**. Nova Iorque: Norton, 2003.

AGUILA, J. M. del. Exiles or Immigrants? The Politics of National Identity. **CSA Occasional Paper Series**, v. 3, n. 2, p. 1-18, 15 mar. 1998. [On-line / In: University of Miami Librie's Scholarly Repository, paper 13, 1998]. Disponível em: <<http://scholarlyrepository.miami.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1014&context=csa>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

AHMED, S. Home and Away: Narratives of Migration and Estrangement. **International Journal of Cultural Studies**, v. 2, n. 3, p. 329-347, dez. 1999. Disponível em: <http://knowledgepublic.pbworks.com/f/Ahmed_home.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2014.

RIBEIRO, J. R.; OLIVEIRA, L. M. da S. “He has to go away before he can find his way home”: os processos migratórios e as identidades híbridas em *Crescent*, de Diana Abu-Jaber. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 8-22, dez. 2015.

CARIELLO, M. Crescent, a Landscape of Memory with an Arab Moon. In: MALEH, L. A. (Ed.). **Arab Voices in Diaspora: Critical Perspectives on Anglophone Arab Literature**. Amsterdã: Rodopi, 2009. p. 328-337.

FADDA-CONREY, C. Arab American Literature in the Ethnic Borderland: Cultural Intersections in Diana Abu-Jaber's Crescent. **MELUS: Multi-Ethnic Literature of the United States**, Oxford, v. 31, n. 4, p. 187-205, inverno 2006. Disponível em: <<http://melus.oxfordjournals.org.ez32.periodicos.capes.gov.br/content/31/4/187>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

FIELD, R. E. A Prophet in Her Own Town: Na Interview with Diana Abu-Jaber. **MELUS: Multi-Ethnic Literature of the United States**, Oxford, v. 31, n. 4, p. 207-225, inverno 2006. Disponível em: <<http://melus.oxfordjournals.org.ez32.periodicos.capes.gov.br/content/31/4/207>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

FRIEDMAN, S. S. Migrations, Diasporas, and Borders. In: NICHOLLS, D. G. (Ed.). **Introduction to Scholarship in the Modern Languages and Literatures**. 3. ed. Nova York: MLA, 2007. p. 260-293. Disponível em: <<http://faculty.weber.edu/vramirez/Migration.PDF>>. Acesso em: 6 dez. 2013.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et all. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 25-50.

LEWELLEN, T. C. Constructing Identity. In: LEWELLEN, T. C. **The Anthropology of Globalization: Cultural Anthropology enters the 21st century**. Londres: Bergin e Garvey, 2002. p. 89-120.

LUDESCHER, T. From Nostalgia to Critique: An Overview of Arab American Literature. **MELUS: Multi-Ethnic Literature of the United States**, Oxford, v. 31, n. 4, p. 93-114, inverno 2006. Disponível em: <<http://melus.oxfordjournals.org.ez32.periodicos.capes.gov.br/content/31/4/93>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

MAJAJ, L. S. Arab-American Literature: Origins and Developments. **American Studies Journal**, n. 52, 2008. Disponível em: <<http://www.asjournal.org/archive/52/150.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

MALEH, L. A. From Romantic Mystics to Hyphenated Ethnics: Arab-American Writers Negotiating/Shifting Identities. In: MALEH, L. A. (Ed.). **Arab Voices in Diaspora: Critical Perspectives on Anglophone Arab Literature**. Amsterdã: Rodopi, 2009. p. 423-448.

MARDOROSSIAN, C. M. From Literature of Exile to Migrant Literature. **Modern Language Studies**, v. 32, n. 2, p. 15-33, outono 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3252040>>. Acesso em: 6 dez. 2013.

RIBEIRO, J. R.; OLIVEIRA, L. M. da S. "He has to go away before he can find his way home": os processos migratórios e as identidades híbridas em *Crescent*, de Diana Abu-Jaber. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 8-22, dez. 2015.

MICHAEL, M. C. *Arabian Nights in America: Hybrid Form and Identity in Diana Abu-Jaber's Crescent*. **Critique: Studies in Contemporary Fiction**, Washington, v. 52, n. 3, p. 313-331, jun. 2011.

RUSHDIE, S. *Imaginary Homelands*. In: RUSHDIE, S. **Imaginary Homelands: Essays and Criticism 1981-1991**. Londres: Vintage, 2010. p. 9-21.

SAID, E. W. *Reflections on Exile*. In: SAID, E. W. **Reflections on Exile: And Other Essays**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000. p. 173-186.

SALAITA, S. *Escaping Inadequate Spaces: Anti-Arab Racism and Liberating Fictions*. In: SALAITA, S. **Arab American Literary Fictions, Cultures, and Politics**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007. p. 109-142.

SENA, M. J. F. de. **The politics of food and memory in Diana Abu-Jaber's Crescent**. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EC-AP-8FGR89/disserta_ao_milton_junior_ferreira_de_sena.pdf?sequence=1>. Acesso em: 6 dez. 2013.

SUVIN, D. *Displaced persons*. **New Left Review**, v. 31, p. 107-123, jan./fev. 2005. Disponível em: <<http://newleftreview.org/II/31/darko-suvin-displaced-persons>>. Acesso em: 6 dez. 2013.

Recebido em: 10 jun. 2014.

Avaliado em: 03 set. 2015.

Publicado em: 31 dez. 2015.

Como referenciar este artigo científico:

RIBEIRO, J. R.; OLIVEIRA, L. M. da S. “*He has to go away before he can find his way home*”: os processos migratórios e as identidades híbridas em *Crescent*, de Diana Abu-Jaber. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 8-22, dez. 2015.

RIBEIRO, J. R.; OLIVEIRA, L. M. da S. “*He has to go away before he can find his way home*”: os processos migratórios e as identidades híbridas em *Crescent*, de Diana Abu-Jaber. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 8-22, dez. 2015.